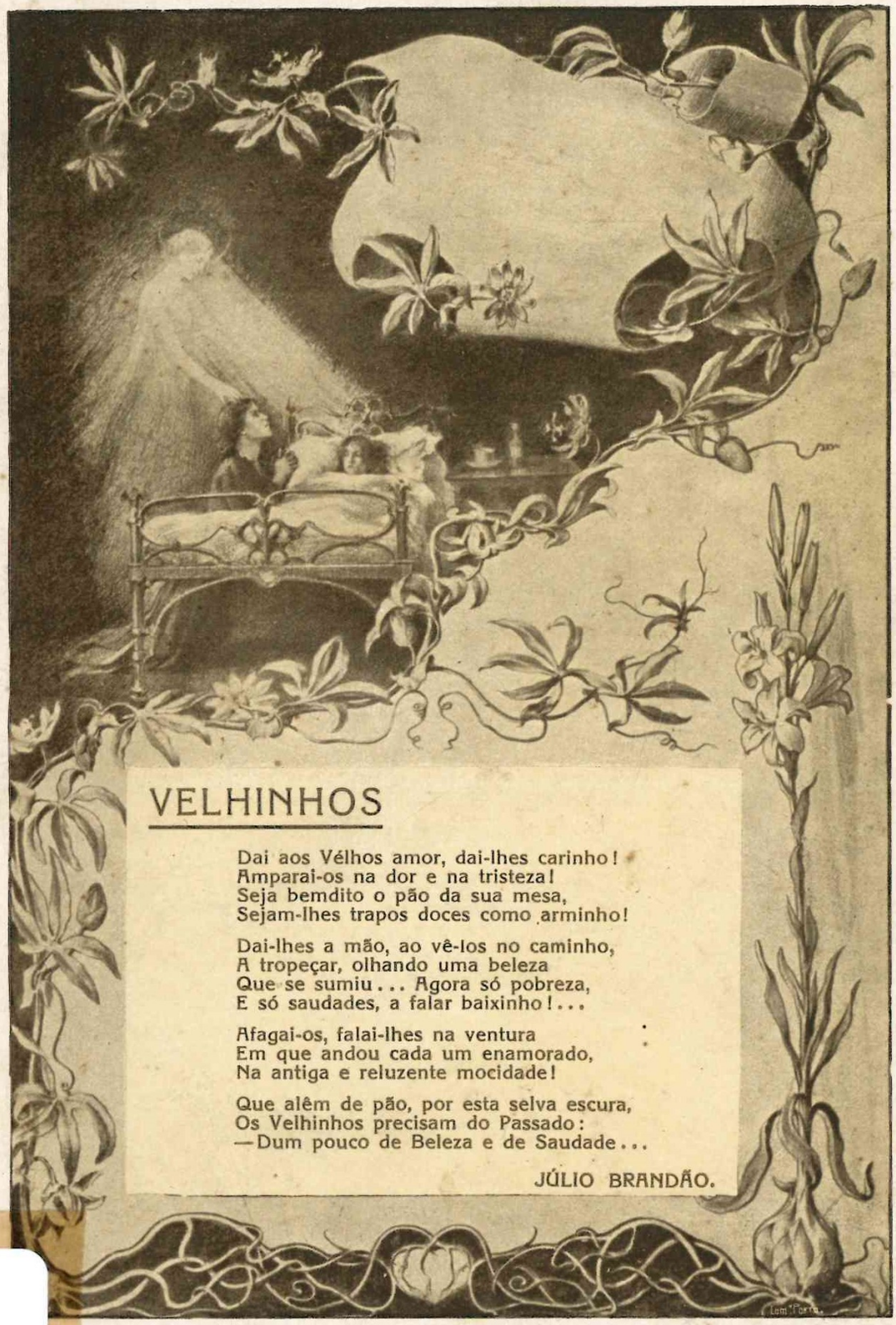
Album de Desenhos

EM BENEFICIO DO
ASILO PORTUENSE DE MENDICIDADE



VELHINHOS

Dai aos Vélhos amor, dai-lhes carinho!
Amparai-os na dor e na tristeza!
Seja bemdito o pão da sua mesa,
Sejam-lhes trapos doces como arminho!

Dai-lhes a mão, ao vê-los no caminho,
A tropeçar, olhando uma beleza
Que se sumiu... Agora só pobreza,
E só saudades, a falar baixinho!...

Afagai-os, falai-lhes na ventura
Em que andou cada um enamorado,
Na antiga e reluzente mocidade!

Que além de pão, por esta selva escura,
Os Velhinhos precisam do Passado:
—Dum pouco de Beleza e de Saudade...

JÚLIO BRANDÃO.

Desenho de Artur Loureiro

BARCELOS
)
1A/Z(469.13)(083.
LB

2.500

ALBUM

DE

DESENHOS

EM BENEFICIO DO

Asilo Portuense de Mendicidade

Barcelinhos

PORTO DE 1917

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 30584

3028

Edificio do Asilo Portuense de Mendicidade

A PUBLICAÇÃO dêste *album,* ilustrado pelos mais distintos artistas desta cidade, obedece ao intuito de colher donativos para o ASILO PORTUENSE DE MENDICIDADE, instituìção de iniciativa particular que dá agasalho a 380 inválidos de ambos os sexos, entre os quais actualmente se contam 12 alienados, 70 entrevados e 10 cegos.

A carestia da vida, sempre crescente, obriga-nos a procurar na generosidade do público os elementos necessários para a continuação da obra gloriosa e imorredoura de José da Silva Passos, João de Almeida Romariz, Visconde de Lascazas, Barão de Nova Cintra e tantos outros que pela sua dedicação e esfôrço desinteressados conseguiram dotar esta cidade com uma das mais prestantes instituìções de beneficência. Nenhum outro estabelecimento similar representa maior utilidade para os desprotegidos da fortuna.

O ASILO PORTUENSE DE MENDICIDADE recolhe os impossibilitados de trabalhar, seja qual fôr a sua idade, os cegos, os entrevados, deformados, velhos, e até, excepcionalmente, crianças.

Proteger esta instituìção é, pois, debelar a mendicidade das ruas, arrancar à miséria tantos infelizes a quem a doença ou a velhice impossibilitam de obter o sustento de cada dia.

O quadro, que a seguir publicamos, comparativo da receita de várias instituìções de beneficência desta cidade com o número de internados de cada uma delas, mostra que o ASILO PORTUENSE DE MENDICIDADE é o que luta com mais dificuldades e que por isso mesmo mais necessita de ser protegido.

. . . . . .

Em nome dos Internados do Asilo aqui protestamos o nosso profundo reconhecimento a todos que pelo seu trabalho desinteressado tornaram possível a publicação desta obra.

Manuel José Coelho.

PROVEDOR DO ASILO

Grupo de Asiladas

Quadro comparativo das receitas dos estabelecimentos portuenses de caridade e percentagens correspondentes a cada um dos recolhidos n'estes mesmos estabelecimentos, com relação ao Asilo de Mendicidade:

DESIGNAÇÃO	Receita conforme os orçamentos ordinarios de 1916-1917	Numero de internados	Percentagem diaria por internado
Asilo Portuense de Mendicidade	**17.943$94**	**380**	**$12,9**
Asilo das Raparigas Abandonadas . . .	4.083$89	80	$13,9
Recolhimento de Entrevados e Entrevadas.	7.131$74	118	$16,5
Seminario dos Meninos Desamparados . .	12.616$74	198	$17,4
Recolhimento de Lazaras e Lazaros . . .	3.997$08	59	$18,5
Recolhimento de Velhas e Viuvas Invalidas	3.016$87	54	$20,2
Oficina de S. José	8.965$84	100	$24,5
Asilo do Barão de Nova Cintra	10.881$38	95	$31,3
Colegio dos Orphãos do Porto (1) . . .	13.185$52	111	$33,5
Recolhimento das Meninas Desamparadas.	17.688$94	90	$53,8
Asilo de Cegos S. Manuel	1.976$69	10	$54,1
Instituto de Cegos do Porto.	4.085$15	20	$55,9
Asilo de S. João	9.233$76	40	$63,2
Instituto de Surdos-Mudos Araujo Porto .	17.692$34	70	$69,2
Associação Protectora da Infancia . . .	8.684$14	34	$72,2
Recolhimento das Orphãs de Nossa Senhora da Esperança	16.567$02	55	$82,5
Asilo do Terço (2).		84	

(1) Este estabelecimento é o que mais dispendio faz com a instrucção e educação dos internados.

(2) Não apresenta orçamento emquanto fôr administrado pelo seu fundador.

Bemfeitores a quem o Asilo Portuense de Mendicidade deve o seu patrimonio:

D. Adelaide Augusta Pinto de Faria Semide
Comendador Agostinho Dias de Lima
D. Amelia Rodrigues Machado Oliveira Guimarães
D. Anna Candida de Vasconcellos Carvalho
D. Anna Ferreira da Silva
Antonio de Azevedo Villarouco
Antonio Fernandes Teixeira
Antonio Francisco da Costa
Antonio Godinho da Silva
Antonio Joaquim Duarte
Antonio Joaquim Teixeira Caneca
Antonio Joaquim Wanzeler
Antonio José de Araujo e Silva
Antonio José Martins Guimarães
Conselheiro Antonio Manuel da Fonseca
Antonio Martins dos Santos
Antonio Martins de Souza Porto
Antonio Pereira Mano
Antonio Teixeira d'Assis
Balthazar José Martins
Barão de Castello de Paiva
Barão da Ermida
Barão de Nova Cintra
Barão de S. Lourenço
Barão de S. Torquato
Baroneza de Fornos d'Algodres
Baroneza de Nova Cintra
Conselheiro Bento de Freitas Soares
Bernardino Augusto de Lemos
Comendador Bernardino de Souza Machado
Celestino José de Queiroz
Christovão da Cunha Lima Sampaio
Conde de Ferreira

Constantino Antonio do Valle Pereira Cabral
D. Crispiniana da Veiga Cabral dos Santos Silva
D. Custodia Thomé Moutinho da Fonseca
Domingos Castro Xara
Domingos da Silva Ferreira
Eduardo Oliveira Braga
D. Emilia Augusta da Silva Magalhães
D. Ermelinda Sampaio Baptista
Francisco Duarte de Oliveira Villar
Francisco Guedes d'Azevedo
Francisco José Coelho da Silva
Fructuoso José da Silva Ayres
D. Ignacia Lopes da La Rica Baquet
João d'Almeida Romariz
João Antonio de Souza Flores
João Antonio Guimarães
João Baptista Ferreira Braga
João Baptista de Souza
Padre João José Lopes
João Luiz Machado d'Eça
João do Rio Junior
João Vieira Dias
Joaquim Antonio Lopes
Joaquim Fernandes Ayres de Gouvêa
Joaquim José d'Araujo e Silva
Joaquim José de Souza Guimarães
Joaquim de Moura Soares Velloso
D. Joaquina de Moura Soares Velloso Guimarães
Joaquim Pinto Leite
Padre Joaquim Rodrigues Madureira
José Antonio Lopes Coelho
José Carlos Marinho
José Caetano Moreira
José Caetano Pinto da Silva
José de Castro Relvas
José da Costa Carvalho
José Fernandes Mendes
José Francisco dos Santos
Dr. José Fructuoso Ayres de Gouvêa Osorio
José Joaquim d'Aguiar

Comendador José Joaquim Pereira de Lima
José Joaquim da Silva
José Luiz Cervães
José Maria Alves Guimarães
José Maria de Carvalho
Comendador José Nunes Teixeira
José Pinto de Carvalho Ramos
José Relvas de Faria Franch
José Rodrigues Semide
Dr. José Torquato Teixeira Soares
D. Josefa Emilia de Faria Guedes
Luiz Mendes d'Oliveira
D. Luiza Branca Ramalho e Castro
Manuel Alves Barbosa
Manuel Antonio Monteiro dos Santos
Manuel Fernandes Ribeiro
Manuel Ferreira Basto
Manuel José Rodrigues Semide
Manuel Lopes da Silva
Manuel Martins dos Santos
Manuel Martins da Silva
Comendador Manuel Pinto da Fonseca
D. Maria Candida Ferreira
D. Maria Ermelinda Vianna
D. Maria Miquelina Moreira Barbosa
D. Maria de S. José Barroso Ferreira
D. Maria Tereza
D. Rita Augusta Pinto da Silva
Rodrigo d'Oliveira Guimarães
D. Rosa Angelina Soares
Severino Pinto Pereira
D. Tereza Edviges de Faria
D. Virginia Francisca Teixeira
Visconde da Ermida
Visconde da Lascazas
Visconde de Macêdo Pinto
Visconde de Pereira Machado
Viscondessa de Barreiros
Viscondessa de Pereira Machado
Zeferino José Pinto.

Grupo de Asilados

Pobres Velhos!

Infeliz em tudo, o Asylo Portuense de Mendicidade — desconhecido da grande maioria dos proprios habitantes do Porto, e esquecido por quasi todos os poucos, que da sua existencia sabem — pela mão do seu actual sub-director, o Ex.mo Snr. José Ferreira de Araujo, veiu bater-me á porta, convidando-me a visital-o, com o fim de, em seguida, o apresentar ao publico, n'um pequeno album, onde se reuniriam trabalhos dos nossos melhores artistas.

Recusei immediatamente, é claro! — Quem era eu, um anonymo, um obscuro rabiscador de chronicas, que ninguem lê, para me encarregar de semelhante tarefa? Impossivel, completamente impossivel na verdade!

Mas com o que eu não contava, com o que eu não podia contar, esquivando-me a essa incumbencia, era com a *teimosia* de Ferreira de Araujo — *teimosia*, que, segundo soube depois, é inevitavel tratando-se de assumptos referentes ao Asylo, que elle estima tanto como se fosse propriedade sua!

Foi uma verdadeira batalha, que durou horas, e que terminaria, sem duvida, como deveria acabar, isto é, pela sua derrota, se Araujo, como habil general, não mudasse subitamente de tactica, perguntando-me á queima-roupa:

— V. será, pois, capaz de negar uma esmola aos pobres velhos?!

Era irrespondivel! Curvei a cabeça, e apenas tirei como condição que narraria, simplesmente, a minha visita, as impressões que recebesse e o que lhe ouvisse a elle. A historia do Asylo, essa não, nunca me atreveria a fazêl-a!

E' o desempenho da minha missão, o cumprimento da minha promessa, o presente escripto. Não é a apresentação do Asylo que faço — é a esmola que lhe dou, e que, insignificante como é, tem apenas um merito — ser dada pelo coração.

*

* *

Foi n'um luminoso domingo do passado Novembro que me dirigi ao velho edificio das Fontainhas, onde antigamente estiveram installados o Matadouro e a Calcetaria, e em que, desde Outubro de 1854, funcciona o Asylo de Mendicidade.

Pintado de vermelho, encimado pela estatua da Caridade, mandada collocar pelo Provedor Lascazas, o vetusto casarão, com o seu pequeno jardim á frente, onde duas soberbas palmeiras crescem, attestando a sua edade, tem o aspecto d'uma velhice alegre — uma d'estas velhices rosadas, que attrahem, em que se tem a certeza de encontrar carinho, mas que, infelizmente, já não teem forças para nos proteger.

Curiosa coincidencia: o aspecto exterior do edificio é a traducção fiel da vida do Asylo: - caridade, carinho mesmo, mas... falta dos indispensaveis recursos para tratar, como deveria ser, os infelizes, que a miseria obriga a ir acolher-se alli...

Guiado por Ferreira de Araujo, que me faz observar tudo com minucia egual á de um pae que nos mostra os trabalhos d'um filho, eis-nos passeando atravez das diversas dependencias.

Primeiro foi a galeria dos retratos, onde os meus olhos poisam por momentos, sobre physionomias bondosas de antigos bemfeitores, em que transparecem os sentimentos altruistas,

que animaram os seus corações ha muito desfeitos em pó: João de Almeida Romariz, fellecido em Gaya em 1835, que no seu testamento mandou applicar o remanescente da sua herança (6.500.000) á creação d'um asylo para mendigos; o Barão de Nova Cintra, que legou a esta instituição 102.000.000 nominaes, em inscripções, e cuja esposa dava todos os annos ao Asylo a esmola de 40.000 reis, legando-lhe tambem 5.000.000 por sua morte; Antonio Caetano Rodrigues e Fructuoso José da Silva Ayres, da familia Ayres de Gouveia—que ainda hoje conserva os sentimentos de bem-fazer, que os seus antepassados possuiram—tão amigos do Asylo de Mendicidade que o primeiro, sabendo das difficuldades, com que, em Fevereiro e Março de 1879, lutava a Direcção, do seu bolso adiantou a quantia de 3.000.000 reis por conta dos quatro do legado de D. Maria Ermelinda Vianna, de quem era testamenteiro, e o segundo concorrendo com a esmola annual de 30.000 reis; Visconde de Lascazas, segundo Provedor do Asylo, e que por sua morte tambem d'elle se não esqueceu; Visconde da Ermida, Manuel Antonio Monteiro dos Santos, Joaquim Pinto Leite, etc., etc., uma galeria inteira de antigos protectores, que das suas telas parecem pedir aos seus descendentes que se não esqueçam da instituição, que tanto protegeram.

Mas, alem dos retratos, Araujo mais alguma coisa me faz admirar: n'uma vitrine, preciosamente guardados, o espadim, a banda, o tinteiro e a campainha, que pertenceram a Passos José —reliquias sagradas d'um grande portuense e d'um grande cidadão, offerecidas pela sua viuva ao Asylo, de cuja Administração elle fizera parte, quando era exercida por uma delegação do Conselho Filial de Beneficencia.

Foi depois a capella, feita na Provedoria do Visconde de Lascazas, onde ha quatro telas enormes, obra de um asylado, que no proprio Asylo as pintou na Provedoria do Visconde da Gandra.

E, em seguida, os dormitorios.

Os das mulheres, amplos e arejados, occupando o primeiro e o segundo andares, os dos homens, no rez-do-chão, escuros e humidos—todos respirando aceio e ordem.

Esta ordem e este aceio, eis o que é admiravel, sabendo-se que a população do Asylo é composta de 380 individuos —entre os quaes se contam 12 alienados— cuja vigilancia está entregue a tres funccionarios sómente: o director, o sub-director e a regente!

É preciso ter, indubitavelmente, muito poder de persuasão, alliado a muita paciencia e a muita força de vontade, para conseguir manter a disciplina, e o que é mais, introduzir reformas, como ultimamente se tem introduzido, que, uteis e necessarias embora, nem por isso deixam de ferir os asylados, aferrados, como todos os velhos, aos seus costumes! Como exemplo apenas citarei duas d'essas medidas: —a prohibição de permanecerem durante o dia nos dormitorios e de terem as suas malas, os seus utensilios de cozinha e outros quaesquer objectos, debaixo das camas, e... o banho obrigatorio. Esta ultima, sobretudo, quasi causou o panico! ...Se havia velha de sessenta annos, que se gabava de nunca ter tomado nenhum na sua vida!...

Emfim, tudo se tem conseguido a pouco e pouco, e o aspecto dos dormitorios—repito—é hoje agradavel, com os soalhos bem esfregados, os leitos muito limpos, ostentando as suas cobertas de chita de ramagens, as amplas janellas abertas, por onde entram francamente o ar e a luz, que se vae reflectir nos vidros dos registos, collocados ás cabeceiras das camas, e —oh eterna vaidade!—nos espelhinhos que quasi todas as asyladas possuem!

A contrastar, porém, com tudo isto, eis a rouparia, onde entramos agora.

Que miseria! Qualquer casa de pessoa remediada tem um bragal maior, ou pelo menos egual ao do Asylo de Mendicidade! Entrae ahi, protectoras dos velhinhos, e sentireis o coração confranger-se-vos perante tão grande penuria!

Com a roupa branca usa-se o systema rotativo—emquanto serve metade, está a outra na lavadeira; de sapatos ha cincoenta pares... juntae quarenta e dois uniformes e cincoenta *bonnets,* e... ahi tendes a roupa official do Asylo!

Qual o resultado? É facil de prevêr.—Sem *bonnets,* que os

indiquem como asylados, sem fatos convenientes, sem calçado, sem nada, quando, elles sahem a passeio, ou para fazerem no Hospital qualquer tratamento, esses velhos são outros tantos pobres, que estendem na rua a mão á caridade publica, sem que a isso se possa obstar, por nada haver que os distinga e por ser impossivel fazel-os sahir arregimentados para não dar á cidade o triste e indecoroso espectaculo d'uns centos de velhos e de velhas, esfarrapados e sordidos. Mas... que fazer, se *os frades são muitos e a ordem é pobre?!*

Terminada a visita com uma rapida inspecção ao refeitorio, á cozinha, aos quartos de banho, salas de costura das mulheres e... de fumo—chamemos-lhe assim—dos homens, ás officinas de carpinteiro, funileiro e sapateiro, e á sala da arrecadação, installamo-nos na secretaria, e, ahi, da bocca de Ferreira de Araujo, ouvi a historia do Asylo, que a largos traços tentarei aqui resumir.

*

* *

Falto de sorte desde o seu inicio, o Asylo de Mendicidade—para cuja fundação, como já acima tive occasião de referir, João d'Almeida Romariz, em 1835, deixára em testamento 6.500.000 reis,—apenas em 1838 conseguiu ser creado, pelo decr. de 18 de Maio, graças aos esforços de José da Silva Passos, ao tempo presidente do Senado Portuense.

No art. 6.º do tit. 1.º deste decr. determinava-se que elle fôsse installado em qualquer edificio nacional, mas o facto é que tal edificio não existia, ou pelo menos nenhum havia, que correspondesse aos requesitos indispensaveis. Tratou-se, então, de procurar outro, pertencente a qualquer particular, e é curiosissimo percorrer as actas das reuniões do Conselho: em todas se falla de buscas infructiferas e de passos inuteis!

Para resumir: apenas em 31 de julho de 1846 foi inaugurado, no predio n.º 1 da rua da Bandeirinha.

Transferido, em 1854, para o edificio onde hoje se encontra—edificio que pertence á Camara, e que para ella pas-

sará, de novo, desde que deixe de ser applicado ao fim para que foi cedido—foi primitivamente administrado por uma delegação do Conselho Filial de Beneficencia, sendo mais tarde entregue a sua administração, pelo decr. de 30 de Junho de 1860, a um provedor, de nomeação regia, um adjunto, e um thesoureiro, escolhidos de entre os membros do referido Conselho.

Foi seu 1.º Prov. o Barão de Nova Cintra.

Succedeu-lhe Lascazas, que dotou o Asylo com novos dormitorios, conseguiu abastecêl-o de agua, melhorou a cozinha e o refeitorio, etc.... etc....

Homem de iniciativa, Rodrigo d'Oliveira Guimarães, provedor de 1876 a 1879, empregou as asyladas na fiação do linho em rama, que, depois, tecido fóra, fornecia o panno necessario para toda a roupa branca indispensavel, conseguindo tambem, por esta forma, dar-lhes um entretenimento, obrigando-as a reagir contra a inercia a que se entregavam, e que tão prejudicial lhes era.

Assim foi decorrendo a vida do Asylo, vida accidentada, devéras, e cheia de difficuldades, e augmentado com a capella, mandada fazer pelo Visconde de Lascazas; com um pavimento ao nascente, onde foram installados mais dormitorios, obra do Prov. Dr. Adolpho da Cunha Pimentel; com os quartos de banho, começados na gerencia do mesmo Prov. e terminados na do Coronel Pereira de Magalhães, a quem egualmente se deve a construcção das officinas—assim chegou até nós essa instituição, que tão sympathica é, tão protegida foi, e... tão esquecida está.

Visitae o Asylo e vêde os *milagres,* que o actual Prov. Dr. Manoel José Coelho, seguindo as pisadas dos seus antecessores, tem conseguido realisar.

Graças aos seus esforços, cedeu a Camara Municipal, gratuitamente, agua do manancial da R. da Murta, concorrendo, além d'isso, com a quantia de 240$00 para a obra da canalisação, resultando d'este beneficio uma economia de 500$00 annuaes para o Asylo; mandou construir lavatorios, com agua encanada e esgoto, em todos os dormitorios; fez

soalhar um salão, que se encontrava fechado por ameaçar ruina; transferiu para outro dormitorio, mais arejado, as entrevadas, collocando no antigo a sala de costura; creou a sala de pequena cirurgia; e, por todos os modos, tem procurado fomentar a hygiene do Asylo, e melhorar a alimentação.

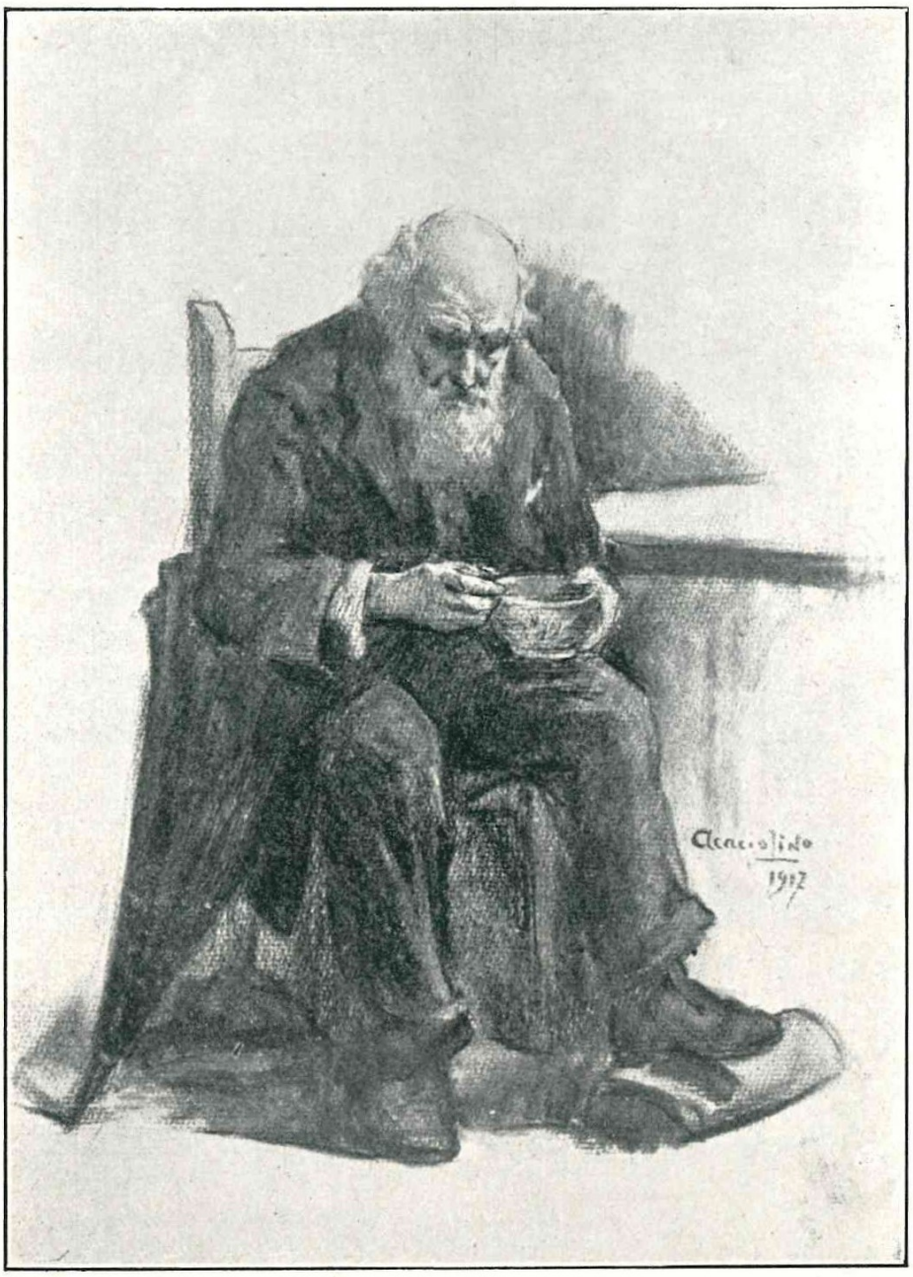
Verdadeiros *milagres* tem realisado — repito — e quantos mais teria feito se não fôsse a absoluta carencia de recursos!

Corações bem formados, vós que estaes sempre dispostos a soccorrer todas as obras boas e santas, visitae o Asylo Portuense de Mendicidade — obra entre todas boa, obra entre todas santa — vêde aquelles rostos de velhos, que ninguem teem no mundo que os ame, que ninguem teem que lhes estenda mão amiga, compadecei-vos d'elles, e que a vossa esmola vá ajudar a melhorar a sua situação, vá secundar os bons desejos do seu Prov., vá tornar-lhes mais faceis os ultimos dias da sua amargurada existencia sobre a terra, vá, emfim provar aos antigos bemfeitores — que das suas télas, na galeria dos retratos, parecem bradar aos seus descendentes que não desamparem uma instituição, que elles tanto amaram e tanto protegeram — que os homens d'hoje não são inferiores em caridade aos homens d'outr'ora!

E eu — obscuro rabiscador de chronicas, que ninguem lê — que o Asylo Portuense de Mendicidade, infeliz em tudo, veiu procurar pela mão do seu sub-director, para se dirigir a vós, fazendo minhas as palavras de Ferreira de Araujo, perguntarei a todos, que estas paginas lêrem, interpretando o sentir dos desgraçados, que a miseria arremessou para alli:

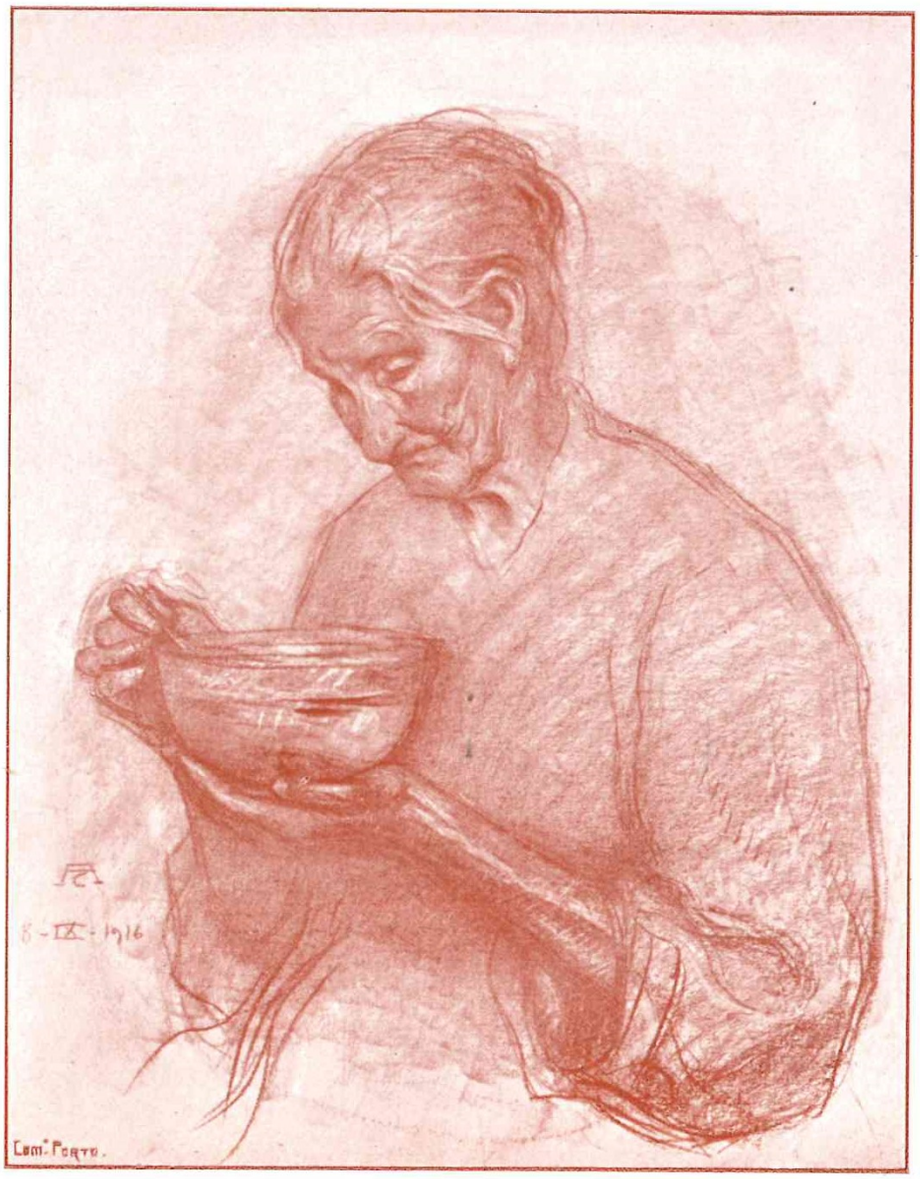
Sereis capaz de recusar uma esmola aos pobres velhos?...

F. de Macedo Lopes.



Desenho de Acacio Lino

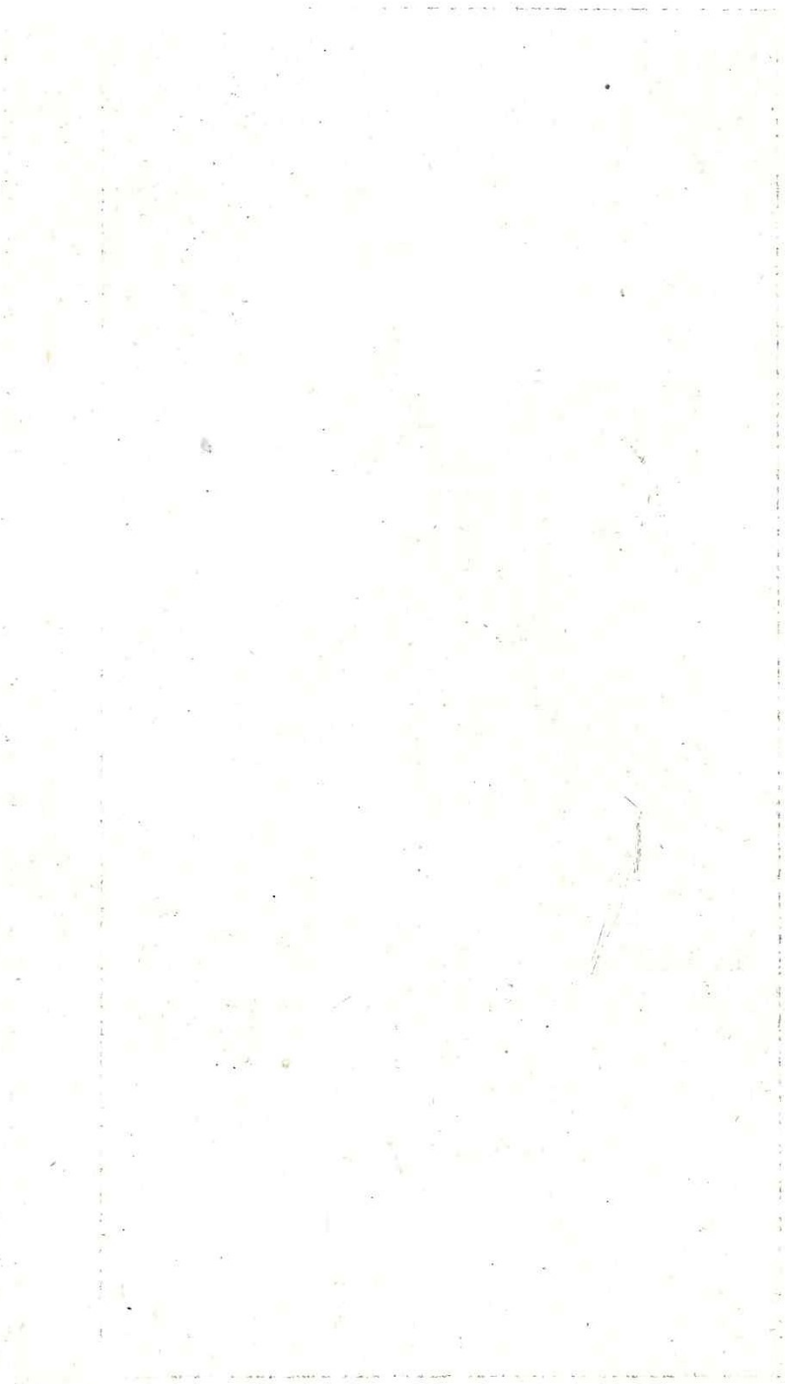
Desenho de D. Amelia Crispiniano



Desenho de Antonio Carneiro

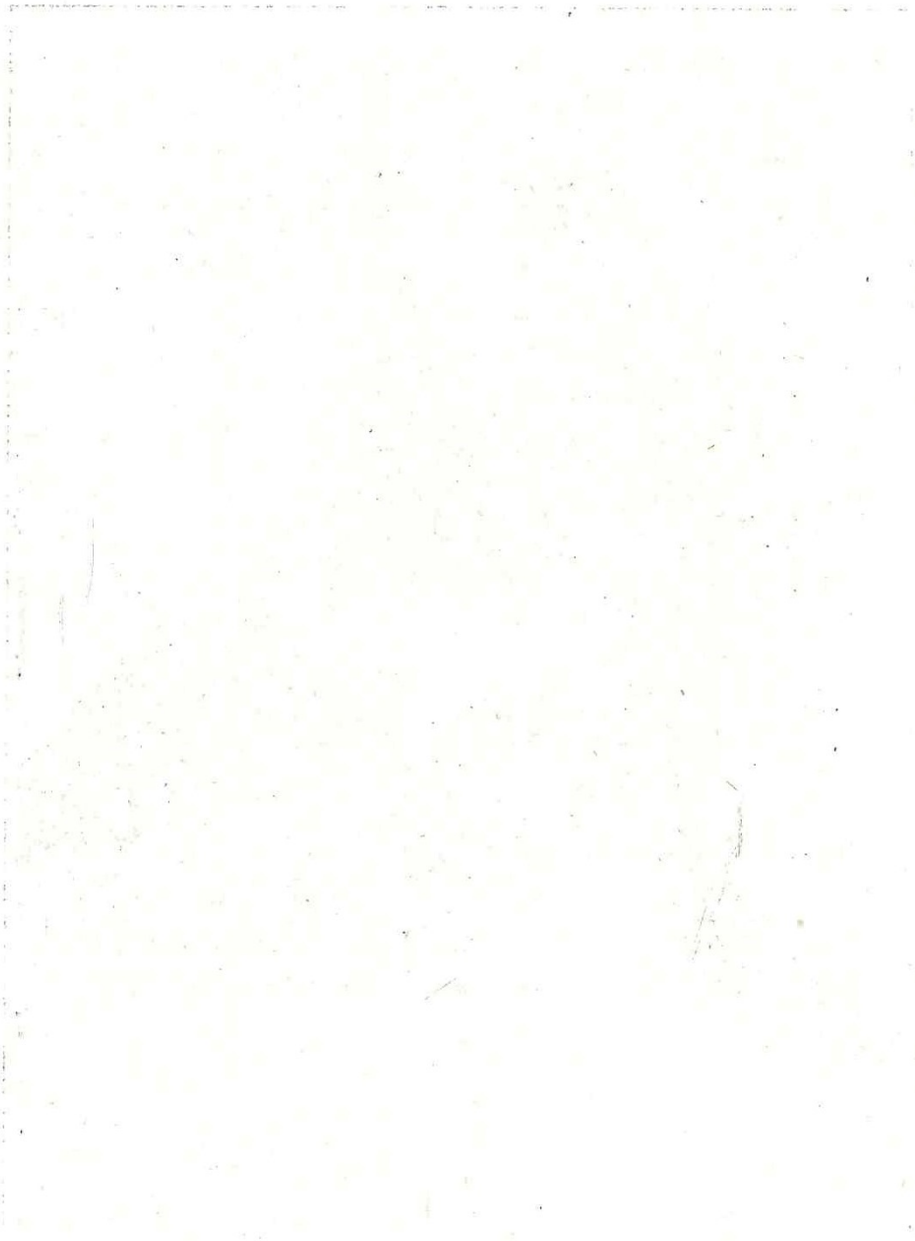
Desenho de Antonio Costa

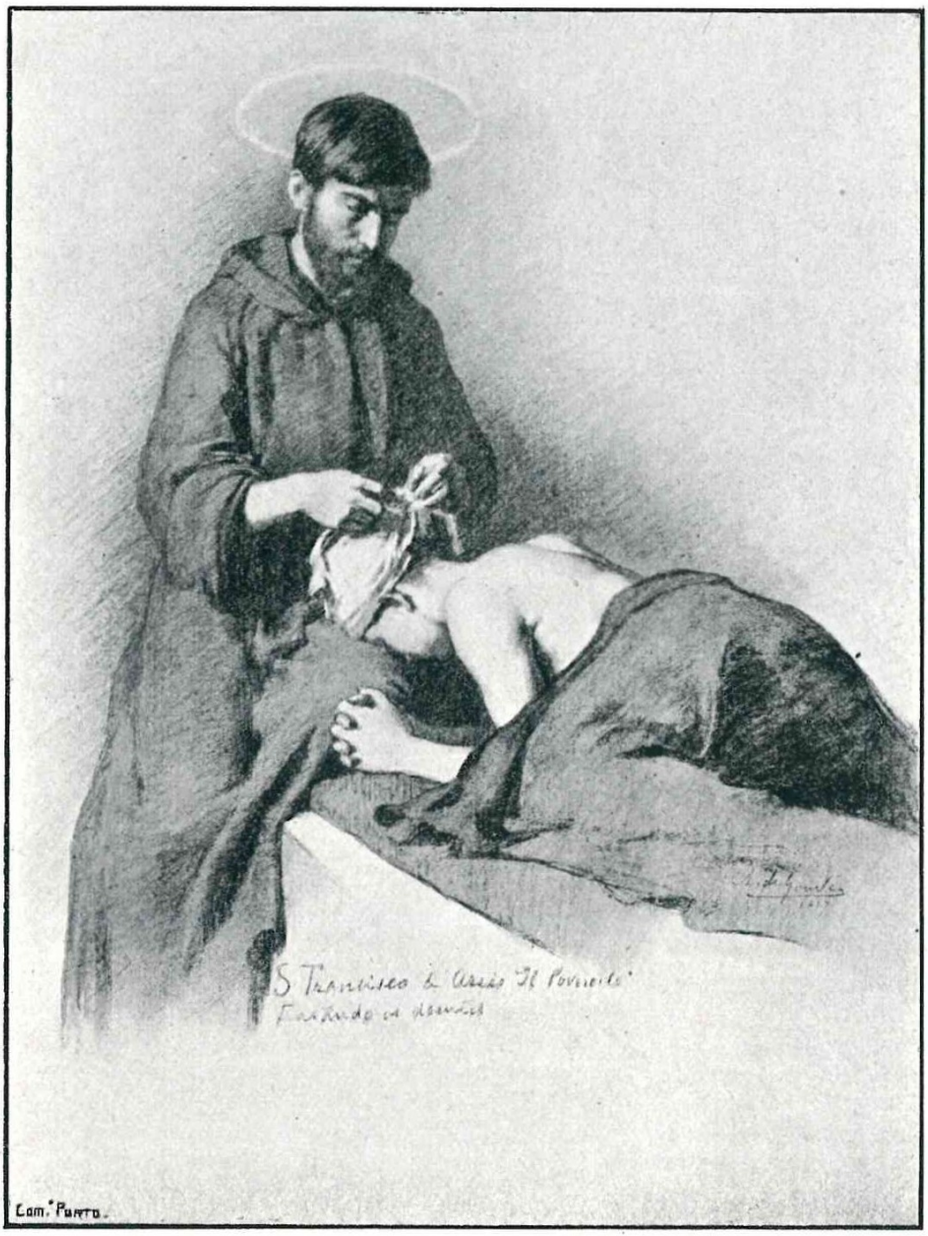
Desenho de Armando Boaventura



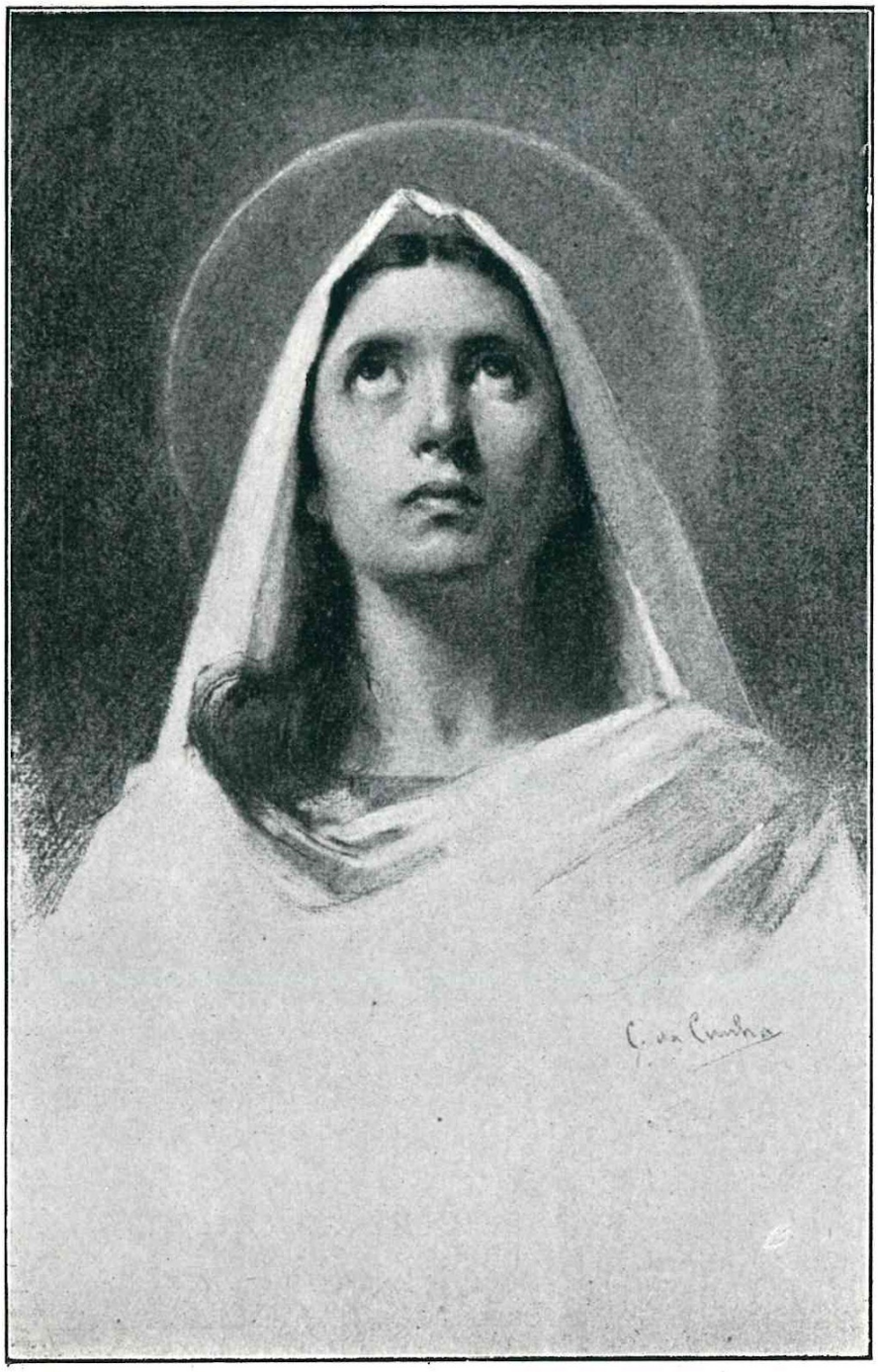
Desenho de D. Aurelia de Souza

C. M. B.
BIBLIOTECA





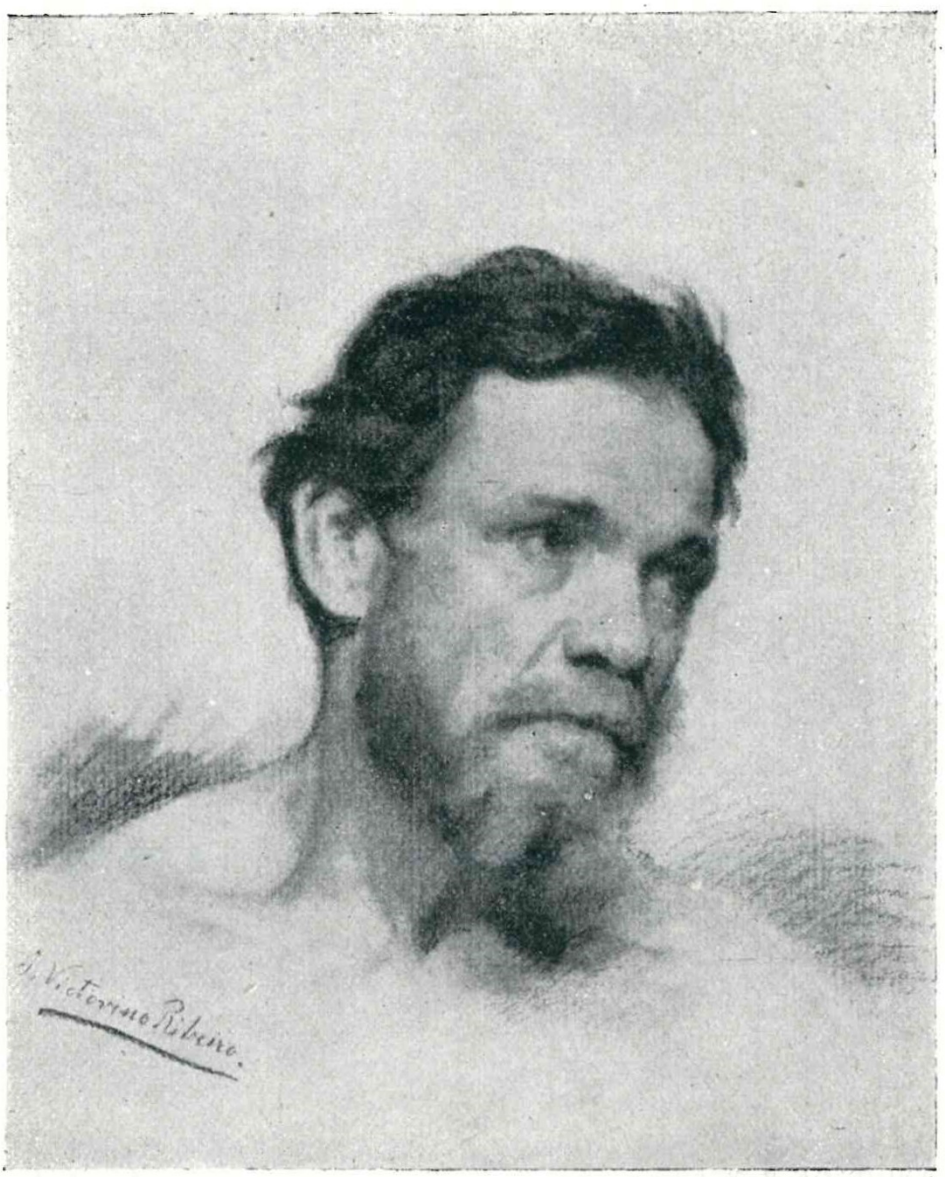
Desenho de Ayres de Gouvêa



Desenho de Candido da Cunha

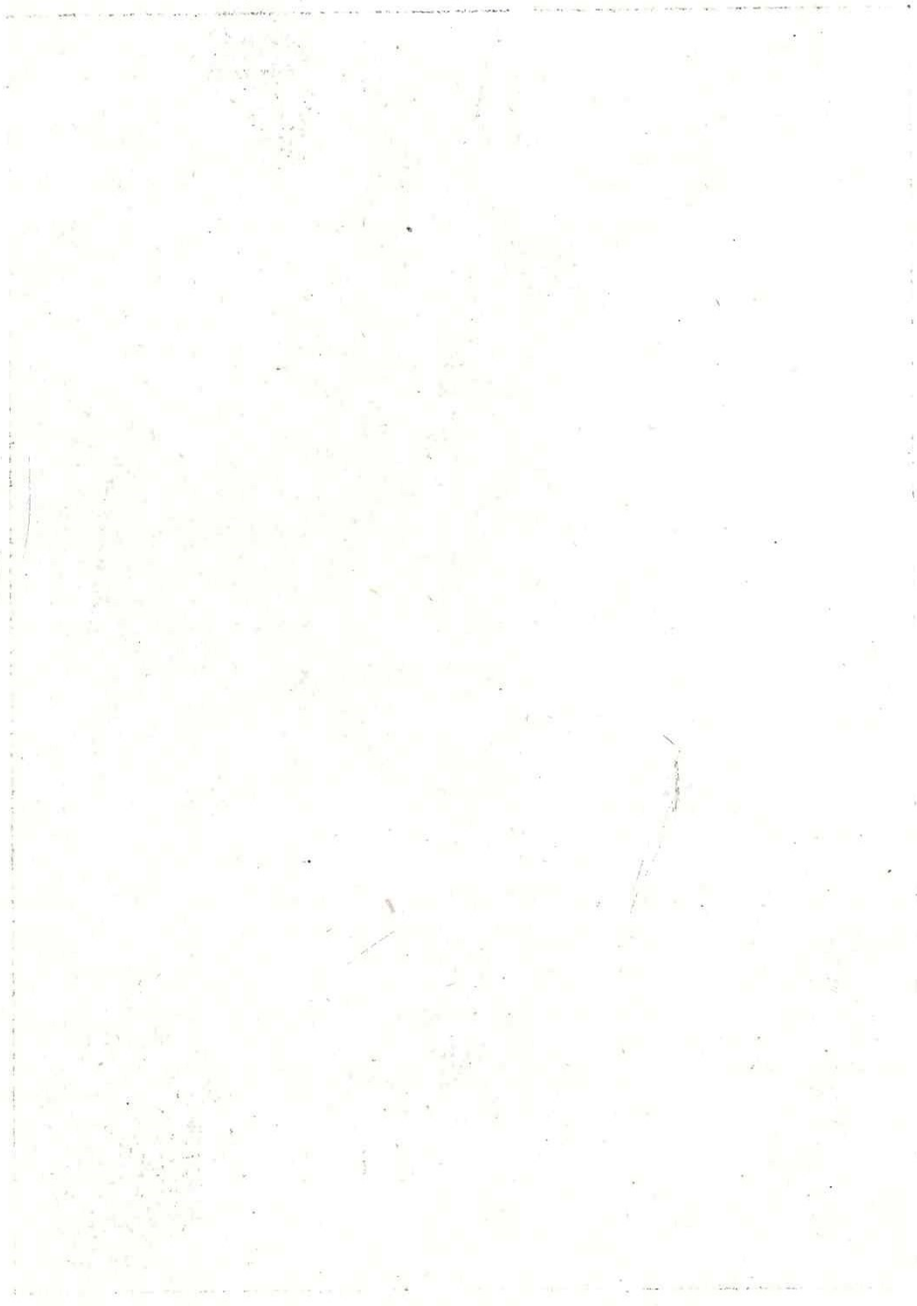
Desenho de Cristiano de Carvalho

Desenho de J. Augusto Ribeiro



Desenho de J. Victorino Ribeiro

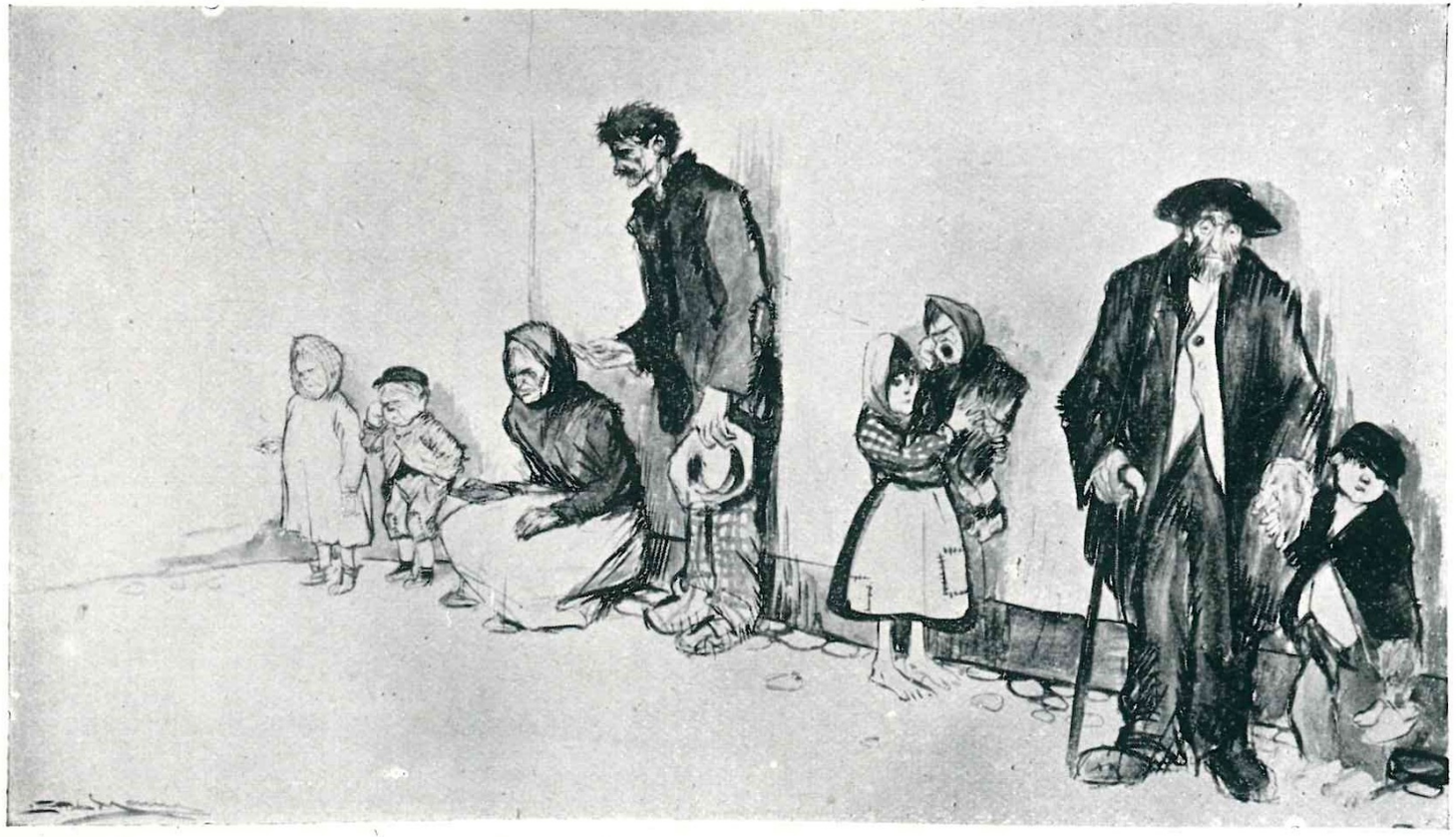
Desenho de **José de Brito**



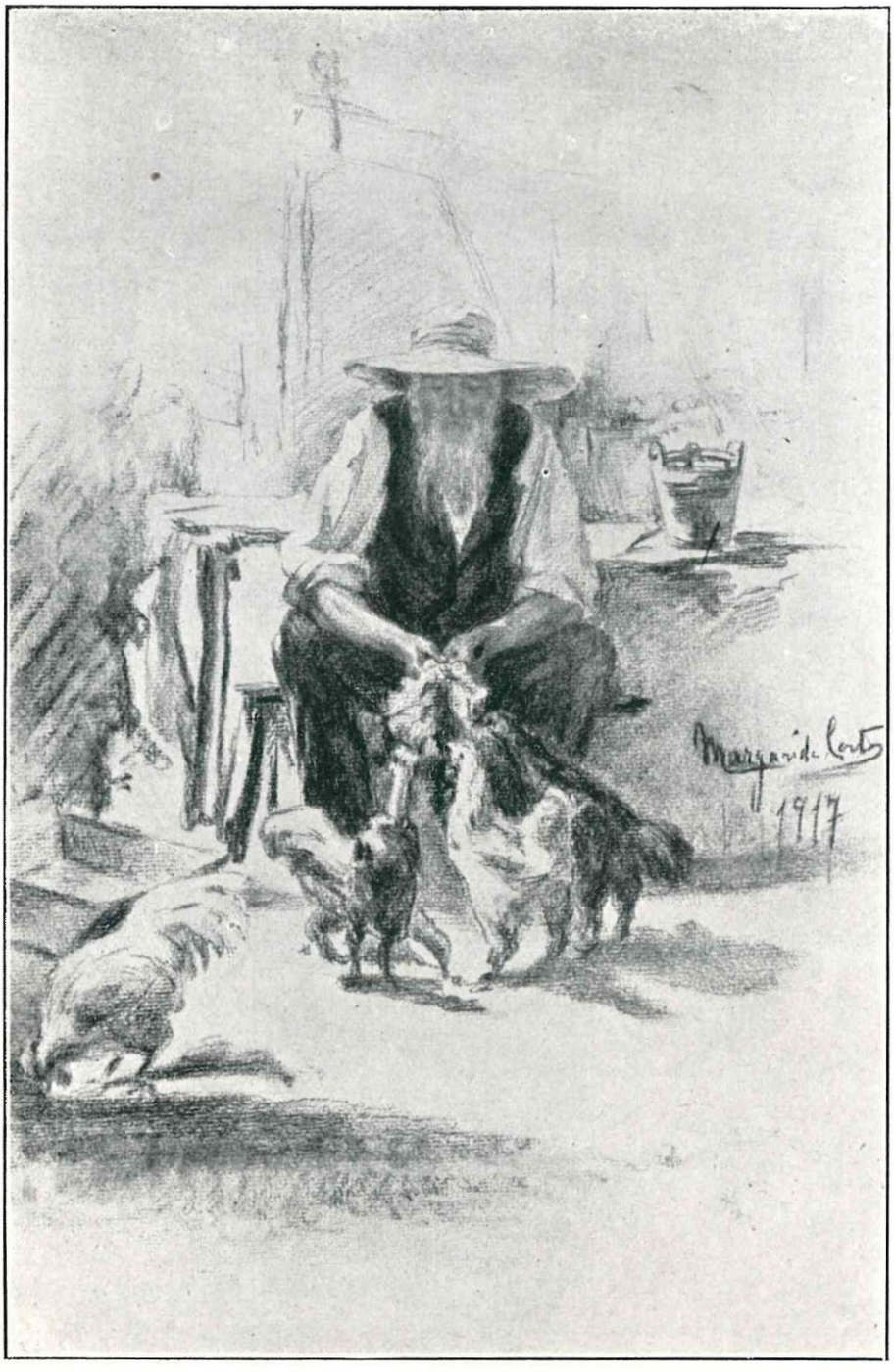
Desenho de **Julio Costa**

Desenho de **Julio Pina**

Desenho de Julio Ramos

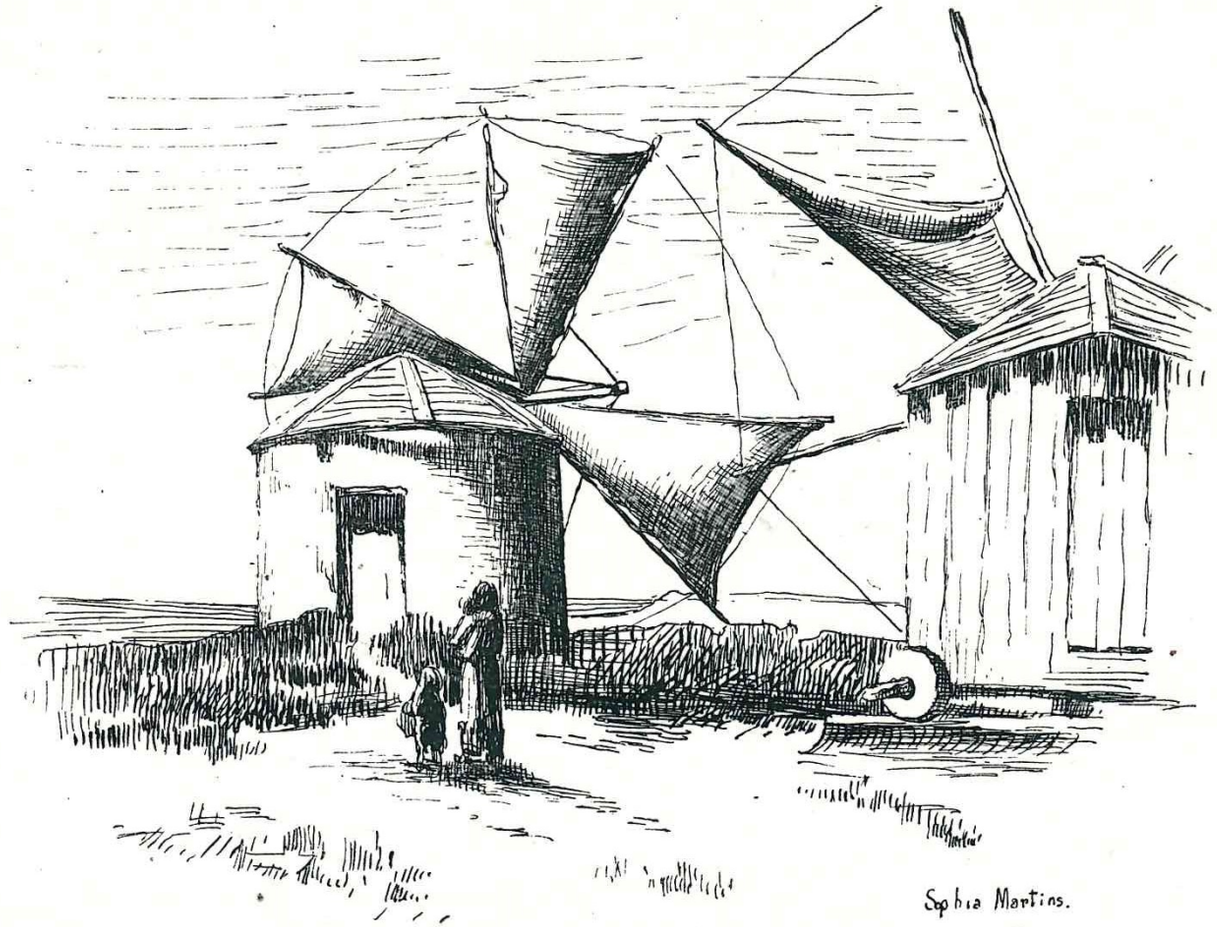


Desenho de Leal da Camara

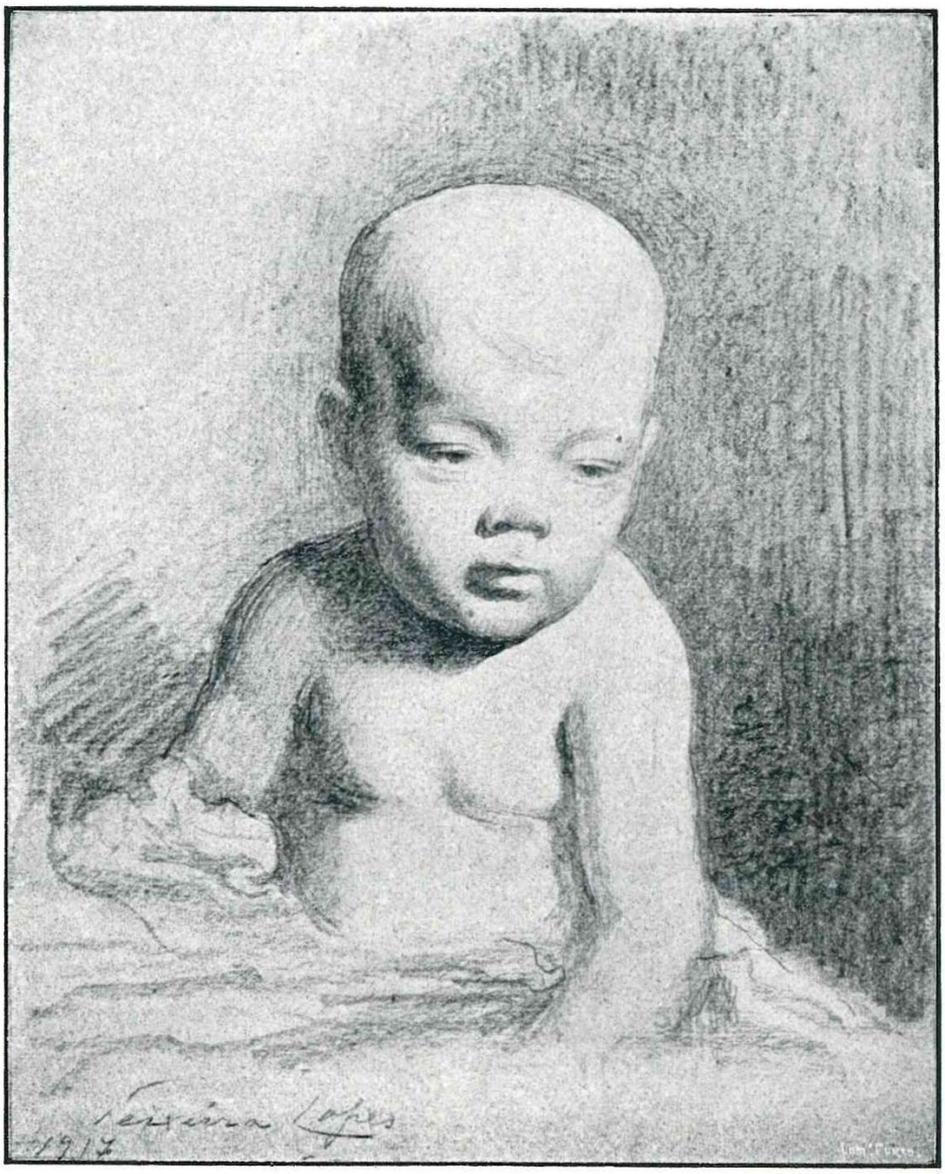


Desenho de D. Margarida Costa

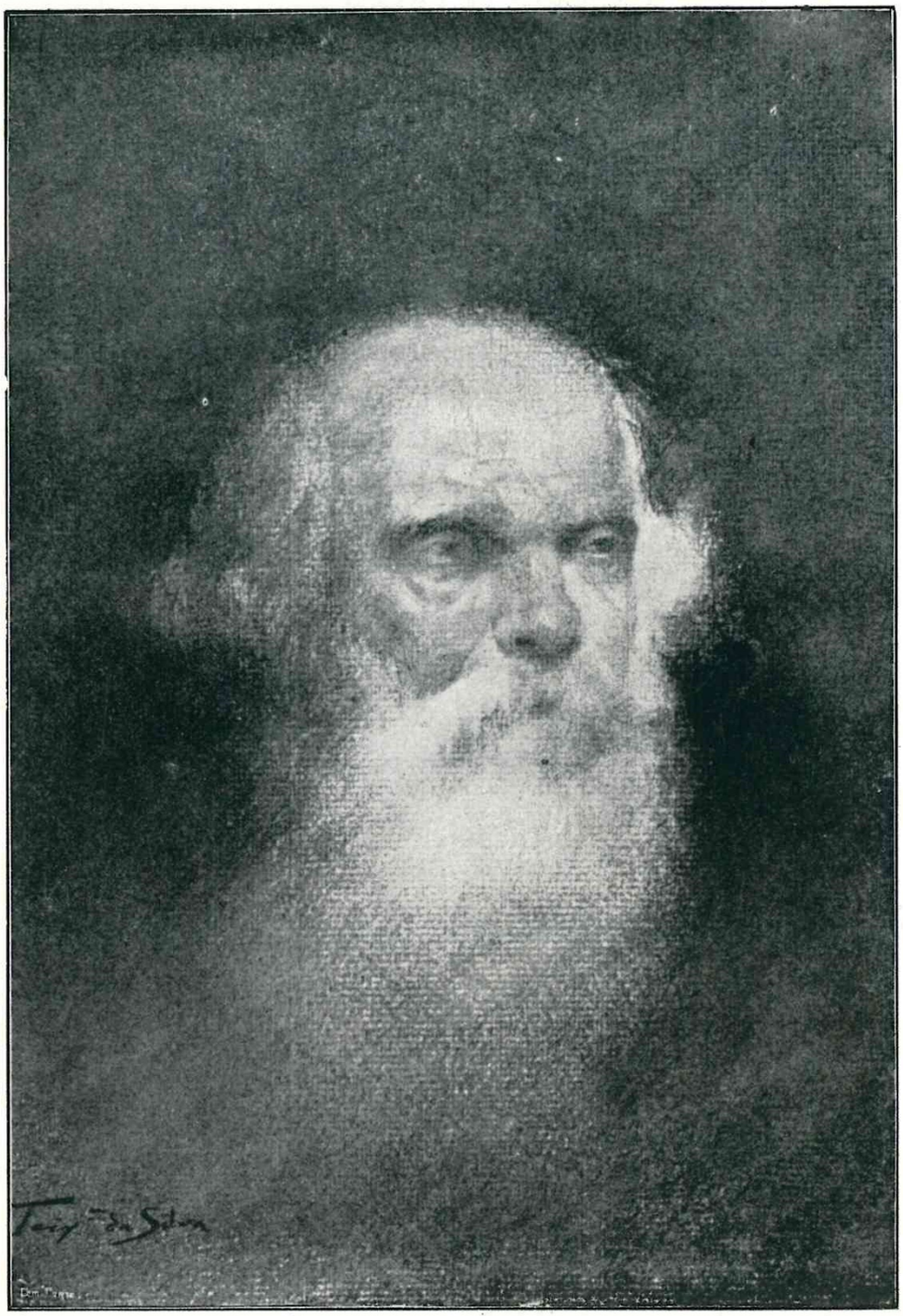
Desenho de Marques d'Oliveira



Desenho de D. Sofia Martins



Desenho de Teixeira Lopes (Antonio)



Desenho de Teixeira da Silva

Piedade para os vencidos

Nada haverá que mais profundamente impressione a nossa sensibilidade do que a sorte de milhares de desgraçados que amaram, padeceram e trabalharam activamente, chegando ao fim da existência, extenuados do sua dolorosa travessia pelo mundo, sem um dôce refúgio em que a invalidez se abrigasse e sem almas familiares de ternura, de abnegação e de sacrifício para lhes tornarem mais suave a amargura da velhice e da doença. O destino destas criaturas desditosas tem qualquer coisa de enigmatico e de cruel.

Em anos varonis de confiança e de energia, lidaram incessantemente, dedicaram-se, consagraram aos outros todos os cuidados e todas as vigílias, foram o amparo e a protecção benefica de debilidades transidas e de infortunios suplicantes, felizes por se devotarem a alguem. O seu bom combate foi heróico e dourado pela branda luz duma bondade que nunca se conturbou: e, por este combate generoso e nobre, tinham direito ao repouso na idade em que os seu pés começassem a tropeçar na terra solta dos sepulcros.

Perderam, porêm, na longa jornada os afectos puros e as mãos amorosas que os acarinhavam, entrando no crepúsculo da vida sem um técto e sem uma escassa migalha de pão, precisamente quando mais precisavam dela. O sofri-

mento humano desdobra-se em multiplas formas de angustia, negando muitas vezes a tranquilidade e a doçura aos que são mais dignos pelas suas virtudes excelsas!...

Compete aos corações sensiveis corrigir esta fatalidade, distribuindo as flores da sua caridade sublime pelos vencidos e pelos destroçados e fazendo á volta de sêres miseros e humildes que se apagam, sem um grito mais vibrante, a pacificação inefavel. Não conheço acto mais belo e de maior elevação do que o de contribuir — pelo impulso nobilitante da solidariedade que todo o homem íntegro deve ao seu semilhante fraco — para que sôbre os que sofrem caia um orvalho de felicidade. Conhecer o bem e pratica-lo é uma obrigação da nossa inteligencia e da nossa intimidade moral.

Porto, 15 de Março de 1917.

JOÃO GRAVE.

PREÇO MINIMO

1$00 (um escudo)

biblioteca municipal barcelos
30584
Album de desenhos